

## A DEGENERAÇÃO DO VERDADEIRO SIGNIFICADO DO NATAL

---



“Jesus perguntou [a um doutor da lei]: **O que está escrito na lei?** Como lê?” (Lucas 10.26)

Na passagem bíblica acima, o Senhor Jesus estava sendo questionado por um doutor da lei (o mais próximo do que hoje chamamos de advogado). Em vez de respondê-lo diretamente, Jesus lhe faz duas outras perguntas. A primeira: “*O que está escrito na lei?*”. Em seguida: “*Como lê?*”. A primeira

pergunta tem caráter objetivo, a segunda, subjetivo. O que **está escrito** revela quem Deus é; mas **a maneira como lemos (interpretamos)** a escrita revela o que de fato, Ele representa para nós. Em se tratando do Natal, nunca houve, como em nossos dias, tamanha discrepância entre o verdadeiro significado do Natal e a forma como ele é “celebrado” anualmente.

O Natal surge como o aniversário do nascimento de Jesus Cristo, Filho de Deus. Porém, ao longo dos anos, o “aniversariante” Jesus tem perdido espaço na mente e, principalmente, no coração das pessoas. O dia 25 de dezembro, data fixada em meados do século IV d.C., pelo papa Júlio I, para festejar o nascimento de Jesus, raramente é mencionado com esse objetivo. Na maioria das vezes, a ênfase dada à data natalina visa somente o benefício de pessoas interessadas nos lucros obtidos através da prestação de serviços peculiares e do comércio dos mais variados produtos nessa época do ano.

Na prática, o Natal pode ser visto como exemplo de festa de aniversário, onde os participantes da festa estão mais interessados na degustação do bolo do que ter a companhia do aniversariante ao seu lado. Assim como nas festas de aniversário onde, assim que acaba o bolo termina também a festa – mesmo que o aniversariante ainda esteja presente no recinto – passada as celebrações natalinas, tudo o que envolve o Natal (inclusive o que deveria ser a sua figura central) é deposto do seu lugar e é “encostado” em algum canto, para quem sabe ser usado novamente no próximo ano.

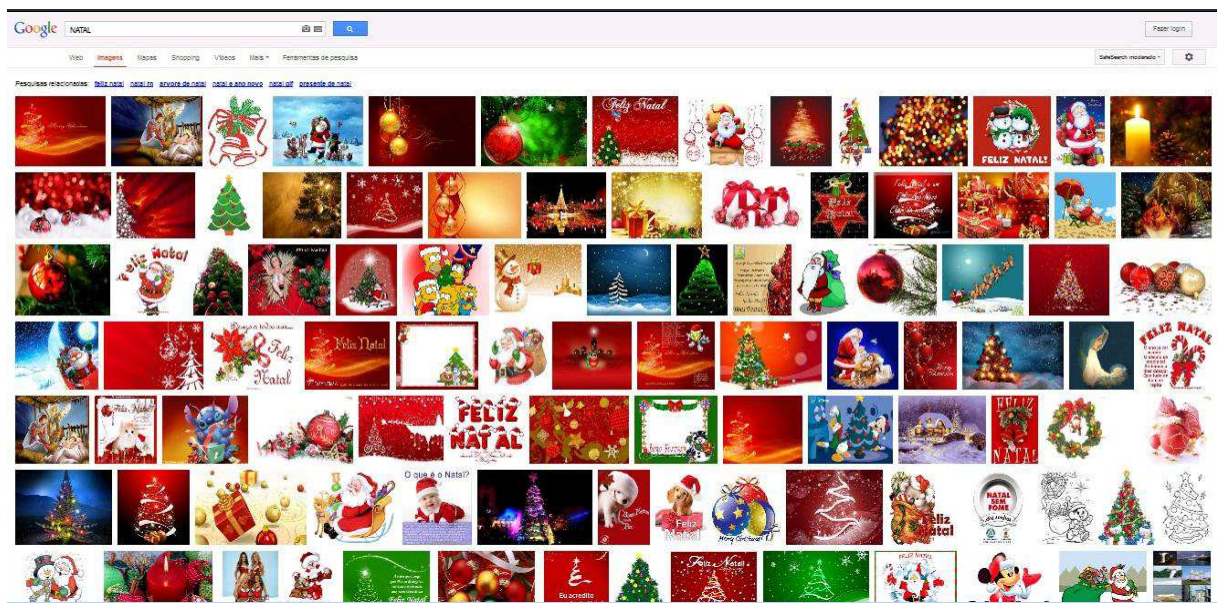
Nas igrejas evangélicas se discute muito sobre a perda de **significado** que o nascimento de Jesus tem sofrido no decorrer dos anos. Mas o que esse substantivo de fato representa? O conceito etimológico do termo “*significado*” tem raiz na palavra “*signo*” que quer dizer “*sinal*”, “*símbolo*”,

---

<sup>1</sup> No Novo Testamento, as referências feitas à "lei", na maioria das vezes dizem respeito à totalidade do Antigo Testamento, visto que a função da maioria dos livros do Antigo Testamento é, em grande medida, ilustrar e aplicar a Lei que se acha no Pentateuco – mais precisamente nas passagens contidas entre Êxodo 20 e Deuteronômio 33.

“marca” de alguma coisa ou alguém. De forma que o verbo “significar” expressa o conceito de “*ser símbolo ou representante de*”<sup>2</sup>. Sendo assim, **o Natal é o símbolo, a representação daquilo que a ele está associado.** Em outras palavras, a comemoração do Natal nada mais é do que a celebração do momento em que “*o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai.*” (João 1.14). Qualquer celebração natalina que não tenha essa definição como um axioma, entranhado em suas práxis, não passa de um ajuntamento solene inútil, se tratando apenas de um festejo pagão, materialista, consumista, desprovido de qualquer respaldo bíblico, teológico e espiritual.

Infelizmente, até mesmo entre os que se dizem cristãos, a figura do nascimento do Senhor Jesus tem sido posta de lado. Em uma pesquisa realizada entre alunos de determinado seminário teológico, uma das perguntas era sobre a primeira imagem que vinha à mente ao ser mencionada a palavra “natal”. O resultado foi: em primeiro lugar os entrevistados citaram a figura do **Papai Noel**. Em segundo lugar, eles mencionaram o aspecto das **árvores de Natal**. Já a referência ao **nascimento de Jesus** ocupou apenas a terceira colocação e, ainda assim, ficou empatada com a menção dos **presentes natalinos**. Mas não é preciso uma pesquisa dessa natureza para obter essa constatação. Uma busca simples por imagens no *site* “Google”, é suficiente para percebermos que, em se tratando de Natal, o Senhor Jesus é um “aniversariante” rejeitado:



Como podemos perceber na captura de tela, exibida acima, dos 100 primeiros resultados obtidos apenas dois fazem menção ao nascimento de Jesus. Os demais retratam árvores, velas, luzes piscantes, papais noéis, bonecos de neve etc. A escassez de referências feitas a Jesus, no período natalino, me fez compará-lo com o filme “Esqueceram de Mim”, onde um menino é esquecido por sua família em

<sup>2</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 595 p.

plena época do Natal. A diferença é que, fora da ficção, o menino que vem sendo esquecido, especialmente no seu aniversário, é aquele a quem o adjetivamos como sendo: “*Rei dos reis e Senhor dos senhores*” (cf. Apocalipse 19.16). Se pudéssemos entrevistar o Senhor Jesus, nessa época do ano, e perguntar-lhe a respeito do Natal, creio que Ele responderia: “*Esqueceram de mim*”.



Não é só a pessoa do Senhor Jesus que tem sido preterida no Natal. O conhecimento que muitas pessoas têm, sobre narrativa histórica natalina, também é débil. Uma pesquisa feita com mais de duas mil pessoas na Grã-Bretanha, a pedido da Sociedade Bíblica Britânica (SBB), revelou que 37% das pessoas acreditam que o personagem Papai Noel é uma figura histórica, e que teria sido ele a primeira pessoa a visitar Jesus após seu nascimento.<sup>3</sup>

Todos nós temos total liberdade para admirar as invenções humana da época natalina. E elas, de fato, são encantadoras, iluminadas, engenhosas, surpreendentes. Não há mal algum em admirar as decorações de Natal, porém a secularização social não pode substituir o sentido bíblico natalino: o nascimento do “*Salvador, que é Cristo, o Senhor*” (cf. Lucas 2.11).

De volta à passagem bíblica, se nós construirmos uma “ponte hermenêutica” para a aplicação do texto bíblico em nossos dias, iremos nos deparar com a seguinte questão: Sabemos o que “*está escrito*” nos Evangelhos a respeito do Natal; mas como é que nós “*temos lido*” o significado do Natal – e suas implicações – no decorrer da nossa vida terrena, seja no âmbito pessoal, familiar, eclesiástico, social etc.? O que o Natal de fato significa para nós? Seria ele apenas uma data onde a glotonaria deixa de ser pecado – aos nossos olhos – nos levando a ingerir duas, três, quatro vezes mais a quantidade de alimentos necessários para nossa saciedade fisiológica? Ou será que o Natal surge apenas como oportunidade “justificável” de exibirmos perante os outros as melhores peças do nosso vestuário?

Quando saudamos uns aos outros, desejando um “feliz Natal”, muitas vezes – ainda que de forma inconsciente – corremos o sério risco de desejar às outras pessoas algo que não faz sentido nem mesmo para nossa própria vida. Hipocritamente, muitos querem que os outros celebrem um Natal “real”, enquanto eles mesmos vivenciam ano após ano, um Natal “abstrato”, divorciado do seu verdadeiro simbolismo e representatividade.

E por que isso acontece? Por que a pessoa do Senhor Jesus é desprezada no coração e na mente das pessoas diariamente e, principalmente, na época em ela deveria ser mais lembrada e celebrada? Isso acontece por causa de um detalhe muito importante, registrado pelo evangelista Lucas, e que, ao longo dos anos, tem passado despercebido pela maioria de nós:

<sup>3</sup> Cf. <http://noticias.gospelmais.com.br/pesquisa-revela-pessoas-acreditam-papai-noel-visitar-jesus-46503.html>.



“Naqueles dias, saiu um decreto da parte de César Augusto para que o mundo inteiro fosse recenseado. Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um na sua cidade. E José, também, foi da cidade de Nazaré, na Galileia, à Cidade de Davi, chamada Belém, na Judeia, porque era da linhagem e da família de Davi, para alistar-se com Maria, que estava grávida e comprometida com ele. Enquanto estavam lá, chegou o tempo de ela dar à luz, e ela teve seu filho primogênito; envolveu-o em panos e o colocou em uma manjedoura, pois não havia lugar para eles na hospedaria.” (Lucas 2.1-7 – Almeida Século 21)



A narrativa bíblica acima afirma que após nascer em uma estrebaria – peça anexa à casa, onde os animais do campo eram guardados –, Jesus foi colocado em uma “manjedoura” – do grego φάτνη (*phátne* = “cocho de comida”, “comedouro”) – local onde se colocava a comida dos animais; normalmente feito de madeira, às vezes esses locais eram construídos no chão<sup>4</sup>. A manjedoura não era um local belo, limpo e decorado como vemos retratado nos presépios natalinos. Pelo contrário, normalmente eram locais sujos com restos de comida misturados à saliva dos animais que, por serem ruminantes, regurgitavam e novamente remastigavam o alimento na manjedoura. E por que Jesus foi colocado em um lugar como esse? O texto bíblico diz que foi porque **não havia lugar para Jesus** (v. 7). Essa é uma triste realidade que ainda se faz presente em nossos dias. Passado dois mil anos do Seu nascimento, o Senhor Jesus continua sem lugar para Ele. Essa é a razão pela qual a pessoa do Senhor Jesus é desprezada no coração e na mente das pessoas diariamente e, principalmente, na época em ela deveria ser mais lembrada e celebrada.

Durante os 365 dias do ano nós nos encontramos sempre atarefados, atribulados, com nossas “agendas de compromissos” tão lotadas que não sobra espaço para que Jesus faça parte da nossa vida. E quando não estamos atarefados, estamos exaustos, cansados, sem disposição para desfrutar de um tempo de qualidade com Ele. É tão comum nos finais de ano nós estarmos tão ocupados, que nem nos damos conta que Natal sem a pessoa de Jesus não significa nada. O pior de tudo é que o texto bíblico afirma que não havia lugar para Jesus na “hospedaria”, do grego καταλύματι (*katalýmati* = “alojamento”, “sala de jantar”). Como podemos observar, o termo grego καταλύματι (*katalýmati*), traduzido em nossas bíblias por “hospedaria”, pode significar “lugar de alojamento à disposição do público” ou “sala de jantar (ou quarto de visitas) acrescentado a uma casa particular”. Pensa-se que na narrativa bíblica se trata desse último caso, provavelmente a casa dos parentes davídicos de José,

<sup>4</sup> KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 202 p.

uma vez que o casal estava retornando à terra natal<sup>5</sup>. Ainda mais porque, quando se trata de hospedarias ou estalagens comuns, os escritores dos Evangelhos utilizam o vocábulo grego *πανδοχεῖον* (*pandocheion* = “hospedaria, casa pública para recepção de estranhos” – cf. Lucas 10.34)<sup>6</sup>. Sendo assim, Jesus foi excluído, pelos seus próprios familiares, do quarto de hóspedes, já ocupado por outros membros da família que tinham chegado antes. Por isso Maria e José foram obrigados a hospedar-se no estábulo. Não tem sido assim em nossos dias? O Senhor Jesus Cristo não tem sido excluído de muitos lares, relacionamentos e vidas daqueles a quem Ele, ainda assim, insiste em chamar de “irmãos” (cf. Marcos 3.33-34) e “amigos” (cf. João 15.14-15), por não haver em nossa mente e coração, um lugar para Ele?

Se quisermos celebrar o Natal, de forma que essa celebração tenha alguma relevância nos céus e na terra, precisamos ceder a Jesus o lugar que Lhe é de direito, ou seja, a centralidade de todas as coisas. Pois como escreveu o apóstolo Paulo: “*Ele [Jesus] é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam poderes; tudo foi criado por ele e para ele.*” (Colossenses 1,15-16), inclusive o Natal.

Conhecida por diversas críticas a vários temas – inclusive os vídeos dos seus comentários têm ganhado o mundo – a jornalista brasileira Rachel Sheherazade Barbosa, durante a apresentação do telejornal em que é apresentadora, fez o seguinte comentário<sup>7</sup>: “*Sabe quem vai faltar na festa de natal? O aniversariante do dia! Como na noite do seu nascimento, ninguém lhes abriu as portas e Jesus não tem onde repousar. Não há espaço pra Ele na casa dos hipócritas de ceias fartas e corações vazios. No teatro do natal entre papais noéis, pinheiros reluzentes, embrulhos de presentes, Cristo passa despercebido como se o bom velhinho fosse fato e o Bom Deus é que fosse lenda. Eu não acredito num natal consumo, o natal das gentilezas fugazes, do altruísmo anual. Natal são as boas novas eternas de um Deus que se fez servo, do Verbo que se fez carne, do Profeta que revolucionou o mundo pela paz e pelo amor. E é por amor a esse Deus Menino que os cristãos genuínos celebram o verdadeiro natal. Nasceu hoje o Salvador, que é Cristo Senhor. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.*”. Com certeza, as palavras de Rachel Sheherazade merecem dedicada consideração da nossa parte.

Concluo esta reflexão afirmando que há três maneiras de nos relacionarmos com o Senhor Jesus. A primeira delas é tratarmos o Senhor Jesus como um **estranho**, o recebendo no “portão” do

<sup>5</sup> HALLEY, Henry Hampton. *Manual bíblico de Halley*: Nova Versão Internacional / Edição revista e ampliada. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001. 527 p.

<sup>6</sup> STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong*: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

<sup>7</sup> RACHEL SHEHERAZADE BARBOSA. Natal: o aniversariante faltou à festa. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6DN9Se1oGK4>. Acesso em: 25/12/2013.

nosso coração, sendo respeitoso, cordial, mas nunca o deixando entrar em nossa propriedade a qual chamamos de vida. Outra maneira é tratarmos o Senhor Jesus como **hóspede**, o convidando para entrar em nossa casa (vida), oferecendo a Ele a melhor companhia, o melhor alimento mas, contudo, sem Lhe permitir tráfegar livremente pelos espaços e cômodos da casa, e o mantendo ciente de que, ao final do dia, Ele precisará ir embora, afinal, é apenas um hóspede. E a terceira maneira é tratarmos o Senhor Jesus como um **morador/familiar** da nossa casa (vida), Lhe permitindo entrar e sair dela quando desejasse, conferindo a Ele plenos direitos de adentrar em quaisquer cômodos da nossa existência – inclusive no “quarto da bagunça”, onde estão todas as mazelas da nossa vida. Qual dos três tipos de tratamento você tem dispensado ao Senhor Jesus? O que Ele tem sido na sua vida: o estranho, o hóspede ou o **morador/familiar**?



Não tenho nada contra as festas natalinas, os cartões, as confraternizações. Não sou daqueles que cassam “bruxas”, fazem exegeses bizarras, inventam modismos, proíbem comemorações e veem o diabo em tudo. Mas também não quero estar entre os que, por falta de discernimento, consciência, entendimento e reverência, perderam a percepção de que o “espírito do Natal” e o Espírito de Jesus são, em nosso tempo, coisas totalmente diferentes.

É tempo de o Senhor Jesus ocupar o Seu devido lugar, não apenas no Natal, mas em todos os dias, em todos os momentos, em todas as áreas de nossa vida. É tempo de “trocar” nosso famoso jargão: “Feliz Natal!”, por uma declaração que realmente tenha relevância para nós e para os outros. É tempo de cada um de nós se levantar e a plenos pulmões declarar: *“Portanto, não sou mais eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim. E essa vida que vivo agora no corpo, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.”* (Gálatas 2.20). E isso não apenas antes, mas também durante e depois do Natal.

*Soli Deo Gloria.*